

FELIZ ANO VELHO: vitória da língua brasileira

Márcio Souza*

Considero o livro “FELIZ ANO VELHO”, de Marcelo Rubens Paiva, um dos textos brasileiros mais importantes que li recentemente. Confesso minha desconfiança ao abrir o livro, fruto de preconceitos e mesmo de falta de paciência para autocomiseração. Mas o testemunho de Marcelo é uma leitura, logo descobriria, que vem com o vigor da invenção.

A importância do texto, e daí a razão de seu sucesso de vendas, vem principalmente de dois aspectos. Primeiro, porque recria o universo da chamada geração do árbitro, isto é, revela pela primeira vez que essa juventude é articulada, tem um vocabulário mais abrangente que a irritante sinteticidade dos surfistas, e é um tonificante jogo de bom humor sem as recriminações que marcaram os depoimentos dos retornados do exílio ou dos ex-guerrilheiros. “FELIZ ANO VELHO”, ainda que seja o testemunho de uma experiência excepcional e dolorosa, que nos coloca nos limites, sabe escapar para longe do melodrama, empurra o leitor para fora da curiosidade mórbida exatamente por vir carregado dessa agradável descoberta de uma geração até então em silêncio. Em segundo lugar, e em decorrência do primeiro aspecto, é um texto que torna vernáculo, com desenvoltura e sem pedir nenhuma autoridade para isso, a língua brasileira deste final de século. O que tem irritado os puristas e os reacionários, mas que é uma vitória de Marcelo.



Márcio Souza é o romancista do grupo. Com “Galvez, o Imperador do Acre” despontou nas listas dos livros mais vendidos. Logo se seguiu o sucesso de “O Boto Tucuxi” e de outros, entre os quais o mais recente “A Ordem do Dia”. Até hoje, Márcio Souza vendeu cerca de 100.000 exemplares.

* Márcio Souza é escritor e jornalista.

